

O DESENVOLVIMENTO DO RACIOCÍNIO GEOGRÁFICO NA MEDIÇÃO PEDAGÓGICA DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA

Daniel Rodrigues Silva Luz Neto

danieltabuleiro1@gmail.com¹

Resumo

Este trabalho tem como objetivo analisar o desenvolvimento do raciocínio geográfico na mediação pedagógica do professor de Geografia. Em busca de alcançar esse propósito, utilizamos a pesquisa qualitativa na produção e análise dos resultados, apropriando-nos do procedimento bibliográfico e de campo. No primeiro, realizamos levantamentos do referencial teórico atinente ao raciocínio geográfico, à mediação pedagógica e às estratégias didático-pedagógicas. Em campo, realizamos observações sistematizadas com um professor de Geografia, durante o segundo semestre de 2018. Os resultados mostraram o raciocínio geográfico como um processo cognitivo, que pode ser desenvolvido no ensino de Geografia pelo professor de Geografia por meio da mobilização dos conhecimentos da ciência geográfica, do pedagógico e das condições do contexto do aluno. Sendo assim, as observações das aulas do professor apresentaram algumas dificuldades em tal desenvolvimento. Isso, pois, não houve a apropriação dos fundamentos da Geografia e nem sua articulação com os conhecimentos didático-pedagógicos.

Palavras-chave: Ensino, aprendizagem, transformação.

Introdução

A contemporaneidade tem como uma de suas características a expansão do processo de globalização da economia. Essa, por sua vez, tem implicado em uma compressão tempo-espço nas dinâmicas socioespaciais das mais diversas escalas do mundo. Isso tudo vem a promover impactos em todos os ramos da sociedade, pois, se por um lado houve alguns avanços importantes como emergência das novas tecnologias, da melhoria na medicina, do aumento da produtividade dos produtos agrícolas e industriais, por outro lado, trouxe pobreza, guerras, desterritorialização, xenofobia, racismo, machismo entre outros problemas. Diante disso, a

¹ Mestrando em Geografia pela Universidade de Brasília, membro do grupo de pesquisa Ensino, Aprendizagem e formação de professores de Geografia (GEAF-UnB) e professor de Geografia.



educação formal tem novos desafios perante esse contexto, tanto de interpretação crítica quanto de traçar novas alternativas para a formação do sujeito na universidade ou na Educação Básica.

Na Educação Básica, a prática educativa dos professores perpassa todas essas condições de mundo, pois a atuação desses em instituições escolares, mesmo em nível local, está inserida na relação com a escala global. Sendo assim, o ensino de Geografia tem seu papel fundante na formação do aluno por meio do desenvolvimento do raciocínio geográfico. Isso, pois, a expressão raciocínio geográfico vem sendo indicada nas pesquisas em Geografia nas últimas décadas como uma importante processo cognitivo a ser desenvolvido com o aluno para instrumentalizá-lo a interpretar e atuar nas práticas espaciais.

Não obstante, considerando-se a realidade da escola pública no Brasil, o desenvolvimento do raciocínio geográfico pelo professor de Geografia na Educação Básica perpassa tanto por desafios como por possibilidades. Primeiro, por desafios entende-se as péssimas condições nas estruturas físicas das escolas, ausência de material pedagógico, lacunas na formação, debilidades nos planos de carreira dentre outros. Já as possibilidades para o desenvolvimento do raciocínio geográfico junto ao aluno são diversas; aqui enumeramos algumas, como a utilização da pedagogia dos projetos, da problematização dos problemas locais, das produções cartográfica, das imagens, dos croquis, debate dentre outros.

Diante desse contexto de desafios e possibilidades para o desenvolvimento do raciocínio geográfico, o objetivo da realização deste trabalho foi analisar o professor de Geografia no 9º ano do Ensino Fundamental no desenvolvimento do raciocínio geográfico junto aos alunos.

Para alcançar tal propósito, nos apropriamos da abordagem qualitativa para a produção das informações empíricas, pois os estudos na área da educação são complexos e dinâmicos. Assim, essa perspectiva permitiu-nos realizar a interpretação e a produção de significados do objeto de estudo: as aulas do professor de Geografia. Para isso, utilizamos o procedimento bibliográfico para realizar as discussões teóricas. E depois disso, sucedeu-se com a pesquisa de campo por meio das seguintes técnicas: observações das aulas de um professor de Geografia, durante o segundo semestre de 2018; registro fotográfico das estratégias pedagógicas; e utilização de um caderno de campo.

As informações empíricas, as observações das aulas, foram inseridas em quadro analítico e analisadas a luz dos fundamentos da Geografia - conceitos (espaço, território,

paisagem) e princípios lógicos (localização, delimitação, distribuição, extensão) - baseando-se no geógrafo Ruy Moreira (MOREIRA, 2015). Esses nos permitiu realizar deduções e inferências sobre o objeto de estudo, o desenvolvimento do raciocínio geográfico pelo professor de Geografia.

A suposição inicial deste trabalho foi de que o professor de Geografia poderia estar com dificuldade de desenvolver o raciocínio geográfico por estar enfrentando no cotidiano escolar uma série de problemas, que perpassam desde a sala de aula ao contexto social e político no Brasil. Sendo assim, dividimos o trabalho nas seguintes seções: o papel do ensino de Geografia no contexto contemporâneo, desafios do professor de Geografia na escola pública, possibilidades do professor de Geografia na escola pública, o desenvolvimento do raciocínio geográfico na aula do professor de Geografia, considerações finais e referências.

O papel do ensino de Geografia no contexto contemporâneo

As práticas espaciais no contexto de mundo contemporâneo são caracterizadas pela complexidade, decorrente de coexistências de fatores, dentre esses, o processo de globalização neoliberal que cria uma narrativa de um sistema único de mundo (MASSEY, 2015).

A globalização na concepção de Santos (2015), apresenta-se como um processo constituído de três faces, como: fábula, perversidade e possibilidade. Primeiro, a fábula é contada a partir de narrativas dos dominantes de que todos os povos poderão usufruir dos bens produzidos historicamente pelas sociedades. Logo, indicam a adesão dos estado-nações como caminho de se atingir o progresso e o bem estar para pessoas. No entanto, ela se concretiza nas espacialidades como perversa, pois nem todos têm acesso aos benefícios propagados pelos relatos dos atores hegemônicos. Não obstante, Santos (2015) considera que as condições técnicas atuais também podem ser utilizadas para se realiza resistências e transformações espaciais para a promoção de outra globalização, que preze pela justiça socioespacial.

A globalização da economia, principalmente a neoliberal, a partir do final do século XX, tentou promover a compressão tempo-espço em prol de atender à ampliação do capitalismo em escala cada vez mais global, que acarretou impactos socioespaciais intensos e contraditórios. Essas mudanças são decorrentes, em especial, da reorganização do modo de produção



capitalista fordista para acumulação flexível. Essas, por vez, mudaram a forma de produção, de circulação e de consumo, os quais impactaram também em mudanças em todos os ramos da sociedade. Isso, pois, não só a economia se transmutou para a flexibilidade, mas também as relações dos sujeitos tanto produtivas quanto sociais. Isso se assenta em uma concepção de destruição criativa por onde tudo que é sólido passa a se desmanchar no ar, de forma efêmera, em prol de atender aos novos anseios de estímulo ao capitalismo flexível, acima de tudo e de todos (HARVEY, 2014).

Diante disso, faz-se necessário reforçar a importância do desenvolvimento do raciocínio geográfico do aluno no ensino de Geografia para que esses possam fazer inferências das transformações rápidas que vêm ocorrendo na contemporaneidade. Antes de dar continuidade a esta discussão, faz-se necessário reforçar que a Geografia Escolar não é a mesma coisa da acadêmica, pois, para Cavalcanti (2013), a primeira diz respeito a que é realizada pelo professor de Geografia na escola responsável pelo desenvolvimento do raciocínio geográfico do aluno. A segunda, a Geografia acadêmica é a própria produção do conhecimento geográfico nas universidades pelos pesquisadores. Apesar do raciocínio geográfico no âmbito da Educação Básica ser constituído nos fundamentos científicos da Geografia acadêmica, mas *a priori* a preocupação não é formar um acadêmico, mais desenvolver os aspectos cognitivos pelo ensino de Geografia.

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) reforçam tal premissa dizendo que o conhecimento produzido na universidade deve ser recriado quando chega à escola. Esse, por sua vez, deve ser transformado, adaptando-se à prática educativa no espaço escolar. Isso porque o espaço escolar representa um conjunto de relações socioespaciais, as quais produzem, reproduzem e ressignificam os fatores histórico-geográficos.

Sendo assim, de acordo com Cavalcanti (2013, p. 25), “para cumprir os objetivos de ensino de Geografia, sintetizados na ideia de desenvolvimento de raciocínio geográfico é preciso que se organizem os conteúdos que sejam significativos e relevantes”. Além disso, o cumprimento de tal propósito, faz-se necessário que os professores de Geografia se apropriem e mobilizem conceitos e princípios da Geografia acadêmica como, por exemplo, lugar, paisagem, território, espaço, sociedade, natureza e dos princípios de localização, delimitação, rede, escala, conexão, dentre outros.

De acordo com Cavalcanti (2013), o desenvolvimento do raciocínio geográfico junto aos alunos os permite uma maior autonomia na tomada de decisões. E para isso é necessário que se faça a confrontação dos conhecimentos do cotidiano com os científicos. Neste sentido, o aluno, apropriado desta estrutura relacional, pode atuar de forma ativa e emancipada nas práticas espaciais.

Percalços e caminhos do professor de Geografia na escola pública

Diante do contexto de mundo contemporâneo, o desenvolvimento do raciocínio geográfico perpassar por percalços, mas haverá caminhos também para sua viabilidade. Por isso esta seção irá discutir alguns desses elementos que consideramos relevantes. Cabe ressaltar que não é o desejo homogeneizar tais elementos para todas as instituições, pois quando se trata de educação, há muitas particularidades, como os fatores sociais e até mesmo de gestão das instituições escolares realizadas desde a esfera nacional aos gestores escolares.

As estratégias pedagógicas tradicionais liberais têm sido uma *práxis* que não tem contribuído para o desenvolvimento do raciocínio geográfico junto aos alunos na Educação Básica. Isso porque, de acordo com Libâneo (1994), tais estratégias primam somente pela memorização, fragmentação e disciplinamento dos alunos em prol de manutenção da sociedade de classe e, portanto, do *status quo*. Essas ações carregam consigo um conjunto de desejos das classes dominantes em se manter no poder, sendo a educação um mecanismo que pode ser utilizado tanto na emancipação dos sujeitos quanto na manutenção das injustiças espaciais.

Ademais, lacunas na formação de professores têm prejudicado também, porque no processo de mediação pedagógica, os professores ocupam um papel central, exigindo-se uma formação que lhes possibilitem mobilizar um conjunto de saberes. Em concordância com isso, Gatti (2016) diz que qualquer que seja as condições estruturais de uma rede e/ou instituições educacionais, o professor é indispensável, mas quando bem formado, detém conhecimento dos conteúdos, da didática e das condições de aprendizagem dos estudantes, que potencializa o avanço cognitivo dos alunos na escolarização.

Não obstante, a autora reitera que uma boa formação precisa de tempo e de investimento. Por sua vez, no Brasil isso não tem sido realizado de forma satisfatória, pois vem apresentando-se de maneira problemática. O problema está relacionado às dimensões da



formação, das condições de trabalho e da carreira docente. A primeira dificuldade apresentada por Gatti (2016) é a formação docente, pois, segundo a pesquisadora, tem sido deficitária como, por exemplo, no que diz respeito ao acompanhamento do estágio supervisionado pela universidade, evidenciando a ausência de diálogo com a escola. Ela argumenta ainda que as lacunas da formação docente perpassam desde o professor formador ao professor formado. Precisa-se, então, de uma preocupação maior tanto na formação inicial quanto na continuada. Contudo, a precariedade nas condições de trabalho nas instituições de ensino, como: falta de recursos, problemas de estruturas físicas e de manutenção tem sido alguns desafios para uma formação satisfatória (GATTI, 2016).

A resolução de questões tem sido orientadas e realizadas nas escolas públicas brasileiras pautadas em modelos avaliativos homogeneizadores e classificatórios. Dessa forma, a preparação dos alunos para resolver tais exames prejudica a formação integral desses sujeitos. Assim, o professor de Geografia na construção conceitual dos alunos também terá problemas, uma vez que o uso das provas de larga escala, como forma de mensuração do desempenho dos discentes na forma tradicional de transmissão de conteúdo em detrimento de seu desenvolvimento por meio dos conteúdos geográficos, onde esses são meios para que o docente promova o pensar conceitual (CALLAI, 2010).

Com tal modelo pautado em exames classificatório, promove-se um dualismo nas instituições escolares. Isso porque eles ainda são preponderantes nas práticas escolares, mas que as mudanças curriculares, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), e as pesquisas na área de ensino de Geografia têm tentado dar novos contornos ao modelo conteudista para o do desenvolvimento do processo cognitivo do aluno pelo raciocínio geográfico. No entanto, por outro lado, os exames ainda fazem parte do cenário nacional. Tal realidade deve ser confrontada, pois essa manutenção tem aumentado ainda mais a distância entre os alunos da escola pública e da particular.

Os problemas estruturais nas instituições não são os únicos fatores que influenciam no desenvolvimento do raciocínio geográfico, no entanto, não devemos desconsiderá-los. Isso porque as estratégias pedagógicas dos professores de Geografia precisam ser ancoradas em instrumentos, desde salas de aulas com estrutura física satisfatória, como equipamentos pedagógicos (data show, computadores, caixa de som).

Em contraponto ao enunciado, Cavalcanti (2010) diz que a representação social da escola possui muitos problemas, como: falta de recurso, má formação dos professores, indisciplinas e violência. Por outro lado, o professor deve perceber que o enfrentamento desses fatores não são por vias pontuais, pois existe uma lógica social de produção das condições apresentadas. Apesar disso tudo, ele pode considerar o espaço escolar como uma via de resistência e de transformação social por meio da formação cognitiva dos alunos, como instrumento psicológico de emancipação humana.

Cavalcanti (2010, p. 2) reforça essa premissa quando diz que:

Quadro estrutural atual impõe limites à atuação e formação profissionais, o que não significa impossibilidade de resistência, podendo-se vincular essa resistência a projetos de formação dos alunos. Ao dar aulas para qualquer nível de ensino, o professor escolhe sua fala, seu discurso, define abordagens, enfoques, tempos de fala, tempos de silêncio, encaminha atividades, utiliza-se de recursos, que têm influência direta nos resultados dos processos de aprendizagem dos alunos (CAVALCANTI, 2010, p. 2).

Concordamos com essa concepção da autora supracitada, pois mesmo se deparando com todos os problemas sociais nas instituições escolares, o professor pode buscar alternativas em uma pedagogia da resistência. Dito isso, há muitas estratégias pedagógicas que são poderosas para se desenvolver o raciocínio geográfico junto aos alunos na Educação Básica. Dentre essas, podemos citar a metodologia da problematização, o uso de tecnologia, fotografia, filmes, documentários, jornais, produção de maquetes, dentre outros.

O desenvolvimento do raciocínio geográfico na aula do professor de Geografia

A intenção desta seção é discutir as estratégias pedagógicas de um professor de Geografia da Educação Básica, em uma turma de 9º ano do Ensino Fundamental, no desenvolvimento do raciocínio geográfico junto aos alunos no segundo semestre de 2018. E, para isso, realizamos entrevista, observações, registros fotográficos e anotações em um caderno de campo.

A entrevista foi realizada no início da pesquisa para sabermos o perfil do professor que iríamos encontrar nas aulas de Geografia. Nesse sentido, a produzimos elencando-se elementos como instituição formadora, tempo de atuação em sala de aula, motivos da escolha de ser professor de Geografia, quais os principais desafios na carreira. Já as observações foram



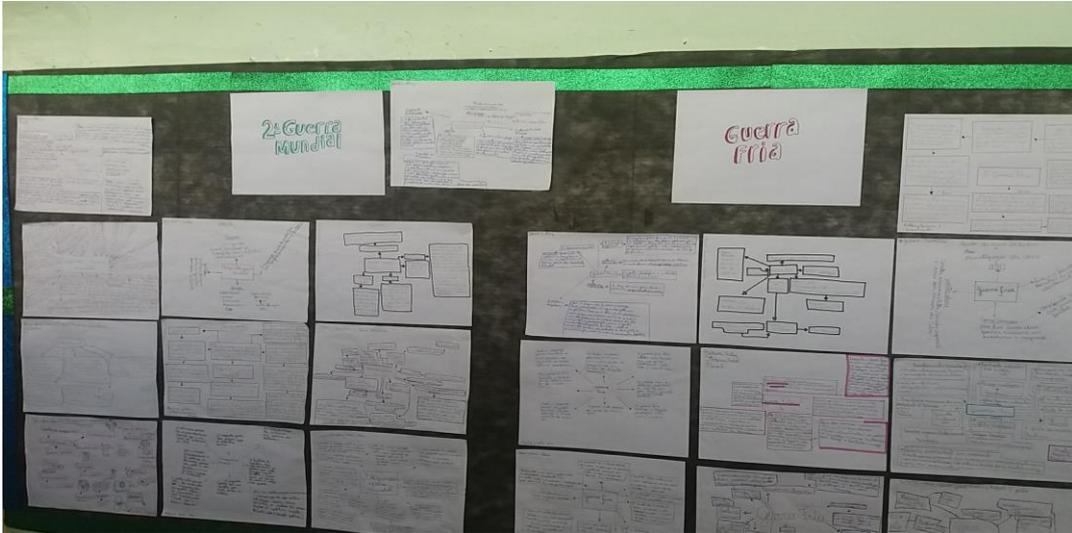
orientadas por uma matriz conceitual, baseando-se em Shulman (2014) e Moreira (2015). Sendo o primeiro, com apropriação do conceito de conhecimento pedagógico do conteúdo, e o segundo, dos conceitos e princípios da Geografia.

Foram realizadas observações de quatorze horas-aula entre, Julho a Dezembro de 2018, em uma instituição pública de ensino na região administrativa do Gama, Distrito Federal. Foi necessária também, para o suporte na produção das informações empíricas em campo, a utilização de registro fotográfico das ações do docente. Além disso, foi fundamental o registro no caderno de campo, pois nele se anotou: objetivo, conteúdo, estratégia, interação com o contexto do aluno e fundamentos geográficos.

O perfil do professor da pesquisa se caracteriza por está em um estágio da diversificação, por ter 23 anos de profissão. De acordo com Huberman (2000), esse estágio perpassa o período entre 07 a 25 anos na carreira, caracterizado pela vitalidade, empreendedorismo e sentimento de mais confiança na realização de suas atividades. Nesse sentido, a professora realizou as estratégias pedagógicas de forma confiante e exigindo dos estudantes maior envolvimento em momentos de dispersão.

As estratégias pedagógicas utilizadas pelo professor de Geografia foram: roda de conversa, pedagogia de projetos, resolução de exercícios, discussão oral, filmes, debate, vídeos, mapa conceitual, exposição oral. Dessas, conforme as figuras 1 e 2 e à luz do conceito do conhecimento pedagógico do conteúdo de Shulman (2014), que orienta para que o professor mobilize de forma articulada os conceitos da ciência, do pedagógico com as reais necessidades dos alunos, consideramos a roda de conversa e o mapa conceitual as que mais foram bem utilizadas pelo docente no desenvolvimento do raciocínio geográfico.

Figura 1: mapa conceitual



Fonte: arquivo do autor, 2018.

Figura 2: roda de conversa.



Fonte: arquivo do autor, 2018.

No uso do saber geográfico se faz necessário que o geógrafo se aproprie dos fundamentos da ciência geográfica. De acordo com Moreira (2015), tais fundamentos são necessários, uma vez que são os conceitos (paisagem, território, paisagem) e os princípios lógicos (localização, delimitação, escala, rede, conexão, arranjo, descrição, distância, delimitação) que dão forma à análise da organização espacial na ótica da Geografia. Nesse sentido, apesar de a Geografia Escolar não ser a mesma coisa da Geografia acadêmica, no entanto, é nessa que ela se aporta para potencializar o raciocínio geográfico dos alunos na Educação Básica.



Dito isso, as observações das quatorze horas-aula mostraram que: os conceitos mais mobilizados foram: espaço e território - e os princípios de localização e descrição. No entanto, mesmo reconhecendo o grande esforço em exercer prática educativa e, entanto, considerando uma porcentagem acima de cinquenta por cento das aulas observadas, avaliamos que tanto os conceitos quanto os princípios lógicos, quando não houve sua apropriação, foram utilizados de forma desarticulados pelo professor, sendo assim, não contribuindo para o desenvolvimento do raciocínio geográfico junto aos alunos. Isso está associado principalmente às lacunas na formação desse docente, uma vez que o mesmo nos relatou, na entrevista, que “toda formação deixa lacuna”. Além disso, o mesmo se formou em História e Geografia em instituições particulares, que não têm uma boa avaliação no Distrito Federal quando se comparada com a Universidade de Brasília, única instituição pública que oferta licenciatura no Distrito Federal.

Cabe ressaltar que tais conceitos e princípios não devem ser ensinados separadamente, bem como o professor não deve mobilizá-los em uma única aula, mas que de acordo com o conteúdo ministrado ele se utilize desses para o desenvolvimento cognitivo no que diz respeito à instrumentalização dos alunos a interpretar e atuar nas práticas espaciais (PIRES; ALVES, 2013).

Logo, a pesquisa mostrou que o raciocínio geográfico é um processo cognitivo que pode ser desenvolvido na escola pelo professor de Geografia. Para isso, faz-se necessário que ele mobilize um conjunto de saberes, como: do cotidiano, pedagógico e científico. No entanto, tais saberes no ensino de Geografia se faz necessário que sejam articulados e que se utilizem mais estratégias pedagógicas problematizadoras do cotidiano do aluno. E, principalmente, que se aproprie dos conceitos e dos princípios da Geografia, pois a análise do espaço é feita por outros campos de saberes. Por sua vez, são os fundamentos teórico-metodológicos da ciência geográfica, os elementos que caracterizam e diferenciam o raciocínio geográfico dos demais campos de saberes.

Considerações finais

Há uma intensificação e complexificação das práticas espaciais no contexto de mundo contemporâneo. Esse, por sua vez, é caracterizado por diversas características, uma dessas, pelo processo de globalização econômica, que apesar de não ser homogêneo, tampouco recente, mas a sua orientação atual, em especial pós-década de 1990, tem sido pelas políticas de cunho neoliberal. Tais políticas vem a tentar expandir os projetos dos atores dominantes na produção

do espaço por meio da adesão aos países com menos poder de barganha a lógica de expansão da mais valia globalizada. Isso tem promovido a intensificação de impactos socioespaciais nas dinâmicas das práticas espaciais. como

A Geografia Escolar, enquanto um dos componentes curriculares, tem papel de instrumentalizar os alunos tanto a compreenderem quanto atuarem diante das novas dinâmicas, capaz vez mais intensas, nas práticas espaciais cotidianas por meio do desenvolvimento do raciocínio geográfico.

O raciocínio geográfico é um processo cognitivo que pode ser desenvolvido pelo professor de Geografia quando este se utilizar de estratégias pedagógicas que possibilite o aluno a ter um papel ativo na construção de significados, ancorando-se nos fundamentos teórico-metodológicos da ciência geográfica. Nesse sentido, o docente, na sua prática educativa, deve se apropriar e mobilizar os conceitos da Geografia (espaço, território, paisagem) e os princípios lógicos (localização, delimitação, escala, arranjo, delimitação, rede, conexão, arranjo).

Ressaltamos que não temos a pretensão de propor ao professor de Geografia da Educação Básica ensinar os fundamentos da Geografia isolamento, como, por exemplo, território é apropriação do espaço mantido por relações de poder. E tampouco que pretende-se que ele produza conhecimentos acadêmicos com os seus alunos desse nível educacional, pois, como diz Filizola (2009), a Geografia Escolar não tem função de formar Mini geógrafo. Em concordância com o autor, a função da Geografia na escola é desenvolver o raciocínio geográfico junto aos alunos para instrumentalizá-los a interpretar e atuar nas suas práticas espaciais cotidianas.

Portanto, o raciocínio geográfico é uma cognição fundamental para o desenvolvimento dos alunos na Educação Básica, no que diz respeito à necessidade de atuar nas práticas espaciais cotidianas. Tal raciocínio contribui para o processo de emancipação dos sujeitos, que pode favorecer na produção da justiça espacial na organização geográfica das sociedades.

Referências

CALLAI, Helena Copeti. **A Geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica.** In: MORAIS, E. M. B e MORAES, L. B.. **Formação de professores: conteúdos e metodologias de ensino de Geografia.** Goiânia: Vieira, 2010.



CAVALCANTI, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção dos conhecimentos**. 18ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013.

_____. A Geografia e a realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. **Anais ... I seminário nacional: Currículo em movimento–Perspectivas Atuais** Belo Horizonte, p. 1-13, 2010.

FILIZOLA, Roberto. **Didática da Geografia**: proposições metodológicas e conteúdos entrelaçados com a avaliação. Curitiba: Base Editorial, 2009.

GATTI, Bernadete A. Formação de professores e problemas atuais. **Revista Internacional de formação de professores**, Itapetinga-SP, v.1, p.161-171, 2016.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2.ed. Porto, 2000.

HARVEY, David. **Condição pós-moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. Tradução de Adail Ubirajara Sobral. 25.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

MASSEY, Doreen B. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em Geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

PIRES, Lucineide Mendes; ALVES, Adriana Olivia. Revisitando os conceitos geográficos. In. SILVA, Eunice Isaias da; PIRES, Lucineide Mendes (Org.) **Desafios da didática de Geografia**. Goiânia: Ed. PUC Goiás, 2013.

PONTUSKA, Níbia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Lyda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

SHULMAN, Lee S. Conhecimento e ensino: fundamentos para a nova reforma. **Cadernos Cenpec**, v. 4, n. 2, p. 196-229, 2014.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 25. ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.